

TRAVESSIA, UMA IDEIA BROTADA DO CHÃO

*Alfredo José Gonçalves, cs**

A Travessia – revista do migrante completou 30 anos em 2017. Fiz parte da equipe que construiu o projeto e fundou a Travessia. Contudo, na verdade, devo dizer que estive meio ausente devido às atividades que eu tinha junto à direção do Centro de Estudos (Centro de Estudos Migratórios – CEM). Eu era diretor do CEM, mas também atuava como padre na periferia de São Paulo junto às comunidades de base. Então, não me ocupava inteiramente da Travessia. Graças a Deus, tínhamos uma equipe muito bem organizada, atenta à produção da Travessia e sempre tivemos um bom número de gente que escrevia, que queria publicar; pessoas que se interessavam por esse tema. Isso deu à Travessia uma força bastante grande desde o início e isso fez com que a Travessia fosse sempre adiante.

Devo dizer de início, como diz o poeta, o escritor José Saramago, meu conterrâneo, que as flores e as espigas, assim como as ideias, brotam do chão. A Travessia foi uma ideia que nasceu do chão. E essas ideias que nascem do chão, elas têm raízes; antes de criar asas, elas criam raízes. Vamos dizer assim, antes de voar elas mergulham no solo.

O chão que deu origem à Travessia era o trabalho com migrantes em vários pontos do país. Nós já trabalhávamos com migrantes na periferia de São Paulo, no centro, mais tarde também nos cortiços ao redor da Igreja Nossa Senhora da Paz, no interior de São Paulo com os temporários, na Paraíba, entre o agreste da Paraíba e o brejo de Pernambuco na Mata Norte nos trabalhávamos com os cortadores de cana, etc. Na verdade, foi daí que nasceu a Travessia. Foi a partir desses diversos trabalhos realizados no chão, que a Travessia começou a ser pensada. Em especial deve ser salientado, deve ser pensado um trabalho, uma presença no interior de São Paulo e uma presença na região de origem e na região de destino dos migrantes. Nós fazíamos uma intercalação entre os alojamentos dos cortadores de cana no interior de São Paulo e os interiores de Minas e Bahia de onde eles vinham. Vinham do Vale do Jequitinhonha, vinham da Bahia e se alojavam no interior paulista em municípios como Guariba, Jaboticabal, Ribeirão Preto. Se alojavam ali por cinco, seis, sete meses dependendo da duração da safra. Então, nós mantínhamos ações intercaladas entre a região de origem e a região de destino. Fazíamos missões na origem e mantínhamos uma presença regular nos alojamentos.

* *Vigário Geral da Congregação Escalabriniana*

Essas ações deram um campo muito interessante para conhecer uma série de comportamentos do migrante, mas também para conhecer suas famílias. Aos poucos fomos conhecendo o trabalhador cortador de cana, fomos conhecendo onde ele morava, onde trabalhava, onde sua família atuava e isso levou a um conhecimento mais amplo.

Também é interessante notar que, na verdade, esses trabalhadores eram trabalhadores de ninguém, vamos dizer assim. Do ponto de vista religioso e do ponto de vista sindical eram trabalhadores de ninguém. A Igreja não os acolhia aqui porque vinham de fora; a Igreja de lá dizia que era gente que vinha de São Paulo; o sindicato daqui não podia vê-los porque dizia que vinham roubar o emprego dos trabalhadores daqui; o sindicato de lá não os queria porque dizia que eles não pagavam para o sindicato e assim por diante. Eram trabalhadores de ninguém. Eram ausentes lá e cá. Então, a nossa presença nos dois polos fazia com que eles se sentissem em casa, embora estivessem ausentes nos dois lados. Entender isso melhor era uma preocupação da gente.

Outra preocupação da Travessia era, nós tínhamos essas práticas juntos aos migrantes, mas sentíamos a necessidade de uma iluminação teórica, de alguns elementos que pudessem iluminar essa prática.

Antes da Travessia tínhamos trabalhado com o VAI VEM¹ (Boletim do Migrante). Mas, o VAI VEM era um veículo muito mais popular, muito mais simples, não tinha pretensões científicas, acadêmicas, etc. Então nós sentíamos a necessidade de iluminar esse trabalho com algumas interpelações teóricas que pudessem nos questionar, nos interpelar para um trabalho cada vez mais ativo.

A pergunta era: como iluminar esse trabalho, de um lado, e, de outro, como fazer com que esses pesquisadores da mobilidade humana ou da demografia teorizassem sobre esse trabalho? Nós também tínhamos a ideia de que podíamos interpelar esses acadêmicos para também serem interpelados por esse trabalho. E o resultado foi um casamento bastante bom.

A Travessia representou um casamento muito bom entre o trabalho concreto com migrantes e o trabalho com a academia. Aqui poderíamos falar sobre uma palavra difícil da teologia e que a gente aprende também em outras matérias, o tal do “círculo hermenêutico”: a prática que ilumina a teoria, a teoria que ilumina a prática e uma aprofunda a outra, uma enriquece a outra de uma forma recíproca. Ambas se enriquecem reciprocamente com essa dupla iluminação.

Qual era a nossa meta ao pensar a Travessia nos anos 1986/1987? Contribuindo nessa empreitada estavam a Marilda Menezes, o Dirceu Cutti e depois chamamos o Prof. Dr José de Souza Martins. E aí começamos a pensar alguma coisa como a Travessia. O que queríamos com isso? Primeiro, como já disse, um veículo que fizesse a ponte entre os acadêmicos voltados para essa prática, essa problemática das migrações que era muito intensa no final dos anos 1970, começo dos anos 1980, sobretudo dos migrantes internos, mas também

já com a chegada de migrantes estrangeiros na Casa do Migrante e a saída de brasileiros que já se começava a sentir no começo dos anos 1980.

Então, como fazer aquela ligação, ponte, entre a academia e o trabalho direto com os migrantes? Esta era a nossa preocupação primeira.

Uma segunda preocupação é que essa ponte tivesse mão dupla. Que o trabalho interpelasse a academia e que a academia interpelasse o trabalho; que ambos pudessem se enriquecer com o vai e vem dessa ponte e que os migrantes fossem, simultaneamente, a nossa fonte de enriquecimento. Fonte não só para nós agentes de pastorais, mas também para aqueles que pesquisavam nesse campo; que pudéssemos devolver tudo isso aos migrantes; que pudéssemos devolver tudo isso aos encontros, seminários, cursos de formação que tínhamos com os migrantes naquela época, que eram muitos. O CEM já tinha uma prática de cursos de formação com migrantes que já vinha de meados dos anos 1970. Então, como tudo isso poderia ser jogado em um liquidificador e formar uma salada que pudesse enriquecer a todos. Essa era um pouco a nossa preocupação naqueles tempos.

Para dar corpo à Revista Travessia, lembro que tivemos alguns encontros: Marilda, Dirceu, eu. Depois Marilda, Dirceu, José de Souza Martins e eu. A nossa preocupação era que essa ponte fosse de mão dupla, mas havia o temor de que essa mão dupla não tivesse funcionando tanto. Talvez o VAI VEM tenha ficado mais como mão dupla. Isto talvez possa ficar como pergunta para um questionamento.

Ainda outra preocupação era abrir espaço, através da Travessia, para quem pesquisava, se interessava e escrevia sobre o problema das migrações e muitas vezes não tinha onde publicar, onde divulgar o seu trabalho. Naquela época não havia tantos meios de divulgação como temos hoje, e talvez a Travessia fosse um meio de divulgação desses tantos trabalhos.

Finalmente, que a Travessia tivesse uma periodicidade bastante folgada, quadrimestral, semestral, para que a gente não se afogasse numa periodicidade muito rigorosa. E me lembro que quando falamos disso ao José de Souza Martins, ele respondeu que estávamos com os pés no chão. O nosso projeto estava com os pés no chão no sentido de não apresentar uma coisa muito pretenciosa. E, de fato, era uma coisa bastante simples, cujo primeiro número é justamente sobre os migrantes sazonais. Um número que leva em conta a migração e aquela experiência do interior de São Paulo. E no coração da Travessia está essa experiência que nasce no coração de São Paulo, se estende para Minas Gerais e Bahia e depois a outros estados do Nordeste entre o agreste paraibano e o brejo da zona da mata pernambucana.

Paro por aqui. Vários aspectos do que eu coloquei podem servir como questionamentos sobre a Travessia e sua vinculação à temática da migração e às realidades dos migrantes.

Notas

¹ O VAI VEM é um Boletim de notícias sobre migração. Originalmente ele era publicado pelo CEM - Centro de Estudos Migratórios. Com o lançamento da Revista Travessia pelo CEM, o VAI VEM ficou a cargo do Serviço Pastoral dos Migrantes - SPM que o acolheu muito bem. Depois de algumas interrupções na sua publicação e algumas mudanças na proposta editorial, atualmente o VAI VEM se encontra no Ano 30, Boletim 121 (Nota do editor).